

## Imaginários em confronto: as brasileiras e a televisão em Portugal

Isabel Ferin<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objectivo analisar os cruzamentos entre trajectórias de vida, imaginários e percepção de conteúdos da televisão das imigrantes brasileiras em Portugal. Tendo como pano de fundo as teorias das migrações e aprofundando as teorias sobre a recepção, procura-se entender o papel dos Media, principalmente da televisão, nos processos de integração. Conclui-se que determinados conteúdos veiculados pelos Media são percebidos como interferindo nos quotidianos, enquanto as percepções tendem a ser selectivas e a articularem-se com as trajectórias de vida e de imigração.<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Mulheres imigrantes brasileiras; percepções dos conteúdos dos Media; consumos e usos dos Media; audiências activas e imaginação.

### ABSTRACT

*The aim of this article is to cross life trajectories, imaginaries and uses of television among Brazilian immigrants in Portugal. The objective was to identify the perceptions of information contents and the interferences of those contents in their daily lives. Having support on migration and reception theories, we seek to understand the role of media, mainly television, in the integration process. The conclusion points out to certain contents that interfere in the daily lives and to the selectivity of the perceptions.*

**Keywords:** *Brazilian women immigrants; media perceptions; media uses and forms of consumption; active audiences and perceptions.*

<sup>1</sup> Professora associada do Instituto de Estudos Jornalísticos da Universidade de Coimbra.

<sup>2</sup> A grafia original de Portugal foi mantida no artigo.

## Introdução<sup>3</sup>

Este artigo tem como objectivo apresentar os resultados de um projecto que pretendeu cruzar as trajectórias de vida e imigração de brasileiras vivendo em Portugal com as percepções de determinados conteúdos veiculados nas televisões portuguesas de sinal aberto, nomeadamente sobre o tema “Mulheres brasileiras prostituídas”. O guião das entrevistas realizadas foi construído a partir do utilizado com base na pesquisa de Lopes, Borelli e Resende (2002) sobre a recepção das telenovelas na cidade de São Paulo. Na sua adequação a este projecto e à realidade portuguesa, o guião contemplou estudos sobre as migrações em Portugal, os trabalhos sobre as mulheres imigrantes, na Europa e em Portugal, e as teorias sobre os Media, a globalização e a identidade. Estas leituras permitiram o enquadramento da investigação e a elaboração das hipóteses de trabalho articuladas em torno das trajectórias de vida, das trajectórias da imigração e dos consumos/usuarios/percepções dos conteúdos dos Media nos quotidianos.

## 1 Discussões teóricas e metodológicas

Por incidir sobre um objecto de análise complexo, esta investigação toca áreas teóricas que, não sendo áreas de especialidade do projecto, exigem, contudo, o domínio dos principais enunciados. Desta forma, as abordagens e os cruzamentos teóricos que serão expostos em seguida resultam de perguntas de partida e hipóteses de trabalho decorrentes de leituras e estudos exploratórios anteriormente realizados. A primeira pergunta de partida – Quem são as brasileiras imigradas? – vincula-se às trajectórias de vida das brasileiras e exige que se circunscreva não só a situação dessa imigração, como os perfis das envolvidas, num contexto teórico alargado. É neste âmbito que se levantam dados sobre essas mulheres e se traça um quadro da imigração em Portugal.

<sup>3</sup> Este artigo resulta da execução do sub-projecto “Mulheres imigrantes brasileiras” integrado no projecto apoiado pela FCT/FEDER, “Televisão e imagens da diferença”, que decorreu de março de 2004 a março de 2006.

A segunda pergunta – Como a imaginação e os conteúdos dos Media impulsionam a integração destas mulheres? – envolve reflexões sobre o papel dos Media na construção de identidades, locais e globais, bem como as relações que se estabelecem entre os conteúdos consumidos e as percepções sociais desses conteúdos. Esta abordagem vai implicar uma incursão pelas diversas correntes de estudos sobre as audiências, com especial incidência naquela que lhe atribui um papel activo.

### 1.1. Imigração brasileira no feminino

Não há registos coincidentes sobre o número actual de brasileiros que vivem em Portugal. Segundo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), em 2003, estariam regularizados cerca de 26.561 brasileiros, mas dados de 2004 do Instituto Nacional de Estatística (INE) apontam para um número superior a 100 mil entre os que se encontram em situação legal e ilegal,<sup>4</sup> situação confirmada por entidades que se encontram no terreno, que estimam estar legalizados, em setembro de 2005,<sup>5</sup> cerca de 85.344 imigrantes brasileiros.

A caracterização da imigração feminina brasileira realizada com base no censo de 2001 (Padilha 2004) aponta para uma população feminina maioritariamente em idade activa e residente na região de Lisboa e Vale do Tejo (48,8%), seguida das residentes nas regiões Norte (24%) e Centro (16%). Esta população, embora integrando um significativo número de pessoas com a escolaridade mínima e os primeiros ciclos de escolaridade, apresenta, no entanto, 37% de integrantes com o ensino superior e 30,5% com o ensino secundário, médias superiores à escolarização feminina portuguesa.

Como constatarem diversos estudos (Machado 2004; Padilha 2005; Gonçalves & Figueiredo 2005), as mulheres imigrantes brasileiras, como todos os imigrantes em geral, exercem actividades de nível inferior às suas qualificações, estando ocupadas

<sup>4</sup> FELNER, R. D. “Em breve haverá 100 mil legalizados a viver em Portugal”, in *Jornal Público*, Lisboa, 2/nov./2003, p. 2-3. Relatório Estatístico de 2004 do SEF. Disponível em: <<http://www.sef.pt>>.

<sup>5</sup> ACIME, Boletim Informativo nº 32, set./2005.

nos sectores não qualificados e nas tarefas descritas como administrativas do comércio e serviços. Os mesmos estudos identificam a origem desta imigração nas grandes e médias cidades dos principais estados brasileiros (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e, mais recentemente, em estados como Paraná, Santa Catarina e Goiás).

### 1.2. Os dispositivos mediáticos e a imaginação activa

O papel dos dispositivos mediáticos na globalização é reconhecido pela literatura em geral. A estes dispositivos são atribuídas não só a construção de uma nova ordem mundial pós-colonial, como a construção, e a desconstrução, de identidades particulares e de grupo. Aos mesmos dispositivos é atribuída a disseminação ininterrupta, omnipresente nos quotidianos urbanos, de vastos repertórios de informação, imagens e ideais geradores de complexos processos de esbatimento e ruptura entre o real e o ficcionado. Estes repertórios, designados *mediapaisagens* por Appadurai (2004), oferecem aos públicos consumidores múltiplas narrativas de si e de outros, povoadas de possíveis vidas, cenas e personagens a realizar.

Estas narrativas em contínuo, fragmentadas no tempo e no espaço, proporcionam experiências de outros lugares e de outras vidas, trazendo para os quotidianos da maioria aspirações e ideais, tais como liberdade, direitos e prosperidade. Os dispositivos mediáticos surgem, deste modo, como escaparates, ou vitrinas, de identidades possíveis, associando-se aos processos de socialização constantes que a mobilidade e a transitoriedade dos sucessivos ajustamentos de trajectórias de vida exigem. Num processo complementar e simultâneo, os mesmos dispositivos tendem a sobrepor, a estas identidades individuais construídas, outras identidades, grandemente imaginadas e abstractas, arregimentadas em torno das culturas nacionais, da língua comum e das tradições partilhadas.

Nestes percursos complexos – entre o global e o local – o individual e o colectivo se entrecruzam, as interacções culturais adquirem, quotidianamente, novos sentidos, e o recurso à imaginação permite a reinvenção local das possibilidades globalmente definidas. A imaginação, aqui, já não é mais entendida como fantasia, alienação ou resultado do ócio das elites, mas sim como artefacto processador de interacções locais e globais, capaz de organizar estratégias de acção, individuais e colectivas, múltiplas e diversificadas.

A imaginação, fenómeno centrado nos inúmeros fluxos de imagens e de ideais ininterruptamente veiculados pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, trabalha as aspirações e as expectativas, impulsionando trajectórias de vida, projectos colectivos e novas identidades relacionais. Canclini (2001) situa esta nova imaginação, preferencialmente, nas cidades, nas metrópoles de todos os continentes, locais privilegiados de interacção de fluxos humanos de diversas proveniências, onde o capital internacionalizado, as tecnologias e a criação cultural e artística adquirem alucinantes ritmos de uso e consumo. Nestes espaços, sem geografia e cultura de pertença, cabe à imaginação – mediada pelas redes informacionais e comunicacionais – um papel integrador, apaziguador de tensões e desigualdades sociais, mas também criador, estimulando e engendrando novas formas de expressão e novas *fabricações de vidas sociais* (Appadurai 2004).

As grandes metrópoles, e as cidades intermédias latino-americanas e asiáticas, principalmente, parecem potenciar, de forma ímpar, estas dimensões da globalização (Appadurai 2004; Canclini 2001; Martín-Barbero & Rey 2001). Elas permitem o cruzamento de grupos e capitais em diáspora e proporcionam, a grandes sectores da população, experiências macro-urbanas cosmopolitas e imaginários diversificados.

Autores latino-americanos atribuem à televisão – dispositivo mediático por excelência – um papel crucial nestes cenários, não só por, ininterruptamente, construir e reconstruir os imaginários

e as identidades, como por exorcizar as mais *secretas perversões sociais* (Martín-Barbero & Rey 2001), nomeadamente as formas extremas de violência urbana. Ao mesmo tempo, conferem-lhe um lugar estratégico na dinâmica da cultura contemporânea, atribuindo-lhe um lugar central na transformação, deformação e hibridação das sensibilidades. Uma função da televisão que estará mais vinculada à acessibilidade, e às competências tecnológicas e ideológicas que dissemina, do que à qualidade dos conteúdos veiculados.

Assim, para estes autores, a televisão promove, pela sua natureza, competências técnicas, discursivas e narrativas universais e locais, tornando-se o grande motor de interpelação e perturbação dos quotidianos urbanos e sociais. Neste sentido, ela apresenta, e torna acessível, às grandes maiorias, outros mapas mentais, funcionando como uma fábrica de imaginários, simultaneamente disseminadora de estilos de vida e impulsionadora de múltiplas formas de *desancoramento* e projecção de trajetórias individuais.

A televisão é, também, um artefacto do lar que tende a reflectir as transformações da concepção de família e dos papéis sociais desempenhados pelos seus membros (Morley 1992). Se em alguns estudos, o papel masculino de dominação estava assegurado pela selecção e o controle da programação doméstica televisiva, outros estudos (Livingstone 1990; Corner 1991; Alasuutari 1999) observaram como as transformações sociais e tecnológicas alteraram as relações de poder na selecção da programação e nos usos e consumos dos Media. Estas mudanças, que estão associadas à globalização económica e à entrada, em massa, da mulher no mercado de trabalho, vão conferir-lhe um papel privilegiado na mediação entre os fluxos mediáticos disponíveis no espaço público e aqueles que se encontram disponíveis em abundância no espaço privado.

Segundo alguns autores latino-americanos, o papel mediador atribui às mulheres a importante função de negociadora de sentidos, permitindo-lhes filtrar e definir estratégias de acção e

projectos de vida mais convenientes para si e para os seus próximos. Nesta perspectiva, caberia às mulheres a grande tarefa de inventar os quotidianos e imaginar mundos, tarefa que levaria a múltiplas formas de recriar o real vivido, nomeadamente, nos percursos de migração e imigração (Martín-Barbero 1997). É, também, nesta perspectiva, que não deve ser menosprezada a relação estabelecida por muitos autores (Machado 2004; Casa do Brasil 2004; Padilha 2005) entre o aumento recente do fluxo de imigrantes brasileiros – associado, evidentemente, ao agravamento das condições económicas – e a emissão, em outubro de 1999, do programa *Fantástico* sobre Portugal, na TV Globo. Neste programa, dedicado à comunidade brasileira radicada em Portugal, acentuavam-se as oportunidades de uma economia em crescimento acelerado, a empregabilidade, a facilidade de língua e o bom acolhimento dos *irmãos de além-mar* (Machado 2004). A mesma relação com o aumento do fluxo da imigração, e a intenção expressa de imigrar, é estabelecida, pelos mesmos autores, em um conjunto de reportagens da revista *Veja*, que aborda o sucesso da imigração brasileira no mundo.

### 1.3. Audiências, recepção e percepções

Há uma vasta literatura sobre o impacto da televisão nas sociedades e os seus potenciais efeitos nos indivíduos, que tende a oscilar, ciclicamente, e em função das micro e macro estratégias políticas e económicas, entre os efeitos directos e os efeitos indirectos da exposição aos Media. Outros estudos – que, também, não serão objecto de desenvolvimento neste artigo – atribuem, aos dispositivos mediáticos, a capacidade simbólica de estruturar o conhecimento público, orientando a opinião pública e condicionando a distribuição social dos conhecimentos colectivos. Nesta linha de raciocínio, a realidade reportada pelos Media, seja informação, seja entretenimento, tenderia a se constituir como uma realidade construída socialmente.

Uma outra corrente de estudos, que se desenvolverá em seguida, opta por uma abordagem teórica e conceptual centrada, não nos efeitos dos conteúdos veiculados, mas nos mecanismos sociais de visualização e apropriação desses mesmos conteúdos. Tal orientação está presente, além de nos estudos sobre audiências e recepção (Morley 1992; Alasuutari 1999), também em teorias de latino-americanos (Martín-Barbero 1997; Orozco 2002; Martín-Barbero & Rey 2001), que especificam, na relação das audiências com a televisão, os conceitos de recepção, mediação, televidência e percepção.

Partindo do princípio de que os actuais modelos de pesquisa empírica, qualitativa e quantitativa sobre as audiências não são suficientes para se pensar o papel dos Media, sobretudo da televisão, nas sociedades modernas, Alasuutari (1999) propõe repensar os contributos teóricos, conceptuais e metodológicos destas investigações. O autor caracteriza *três gerações* de estudos de recepção, atribuindo a Hall (1974) o início da primeira geração e a formulação do *paradigma da recepção*, e a Morley (1980) o desenvolvimento das pesquisas de segunda geração e a formulação do paradigma das *etnografias de audiência*. A terceira geração de estudos, que designa de perspectiva, ou paradigma, *construtivista*, integraria um conjunto numeroso de estudiosos dos Media – entre os quais Radway (1984) e Lull (1990) – e das ciências sociais, e caracterizar-se-ia por estar centrada nos processos sociais que envolvem a cultura dos Media.

Se a primeira geração teve o mérito de introduzir a questão lingüística e semântica no centro das discussões, e a segunda geração abriu espaço à compreensão de *comunidades interpretativas* particulares, coube, todavia, à terceira geração articular novas agendas de pesquisa, construídas, de forma alargada, em torno da totalidade da *cultura Media*, resultante dos complexos processos despoletados pelos consumos e usos continuados dos dispositivos mediáticos. A pesquisa destes fenómenos tende a impulsionar abordagens teóricas e metodológicas múltiplas,

centradas em objectos específicos e contextualizados no espaço e no tempo. Simultaneamente, e ainda segundo Alasuutari, os percursos de investigação apresentam-se extremamente fluidos, impossibilitando narrativas de descoberta e a exportação, ou importação, de teorias explicativas.

Na mesma linha de raciocínio situam-se muitos pesquisadores latino-americanos, nomeadamente Orozco (2002), que, ao fazer um balanço das correntes de estudos de recepção nessa região, identifica diversas abordagens e perspectivas teóricas ao longo dos últimos vinte anos. Segundo o autor deve-se distinguir os estudos de audiência, fundamentados em estudos de *rating*, dos estudos de recepção, centrados nos processos de comunicação e produção de significados, sobretudo, no âmbito da criação cultural, da política e da educação. Nos anos 1980 muitos autores, *herdeiros de campos teóricos minados* (Orozco 2002), organizaram suas investigações em torno da recepção das mensagens políticas, oscilando entre perspectivas negativas – os Media manipulam e alienam os receptores – e positivas – os receptores têm capacidades de leitura e ressemantização das mensagens.

Na década de 1990, a globalização mediática – com a subsequente globalização das telenovelas latino-americanas – e as novas tecnologias impulsionaram pesquisas centradas na criação cultural de significados, articuladas em torno de alguns postulados, como os “receptores não deixam de ser sujeitos sociais quando estão em interacção com os Media”, a “recepção não começa nem termina nos momentos de contacto directo com os referentes mediáticos” e “todo o processo de recepção está necessariamente mediado por diversas fontes” (Orozco 2002). O desdobramento destes postulados tem vindo a suscitar interrogações sobre o estatuto do receptor no ecossistema da comunicação: são os espectadores, audiências ou consumidores? São migrantes, nómadas, fidelizados ou voláteis? Sobre a utilização de metodologias adequadas aos processos de recepção, interroga-se: como se pode realizar a investigação dos processos de recepção?

Em que cenários, e em que momento, se deve triangular estratégias de exploração, informações e modalidades de interpretação e análise da recepção?

É dentro deste contexto que as *audiências* são entendidas como um conjunto de sujeitos sociais segmentados em função das suas interações mediáticas. Nesta linha, a *recepção* é percebida como um aglomerado de interações e negociações dos sujeitos sociais, mediadas por diversas fontes, em diversos cenários, dando origem a apropriações complexas que vão da reprodução à contestação e à resistência. Já a *mediação* é apreendida como um filtro decorrente de um processo estruturante que tende a orientar as audiências, outorgando sentidos a determinados referentes mediáticos. A *televidência*, por sua vez, consistiria na interação específica dos sujeitos com o referente televisão constituindo-se como dispositivo condensador de linguagens e gramáticas múltiplas, mas também de competências culturais e técnicas complexas. Associando-se à *televidência*, a *percepção* é compreendida como actividade cognoscitiva, afectiva e significativa, mediada por diversas fontes, que permite conferir sentidos aos programas televisivos para além dos codificados pela programação (Orozco 2001).

Estas leituras direccionaram o nosso trabalho de campo no sentido de compreender como as mulheres imigrantes brasileiras percebem, em Portugal, as mensagens e os programas que estão directa, ou indirectamente, relacionados com o Brasil, os brasileiros e, particularmente, com as mulheres brasileiras. Por outro lado, e dado que as interações se situam em Portugal, como as percepções dos portugueses sobre o Brasil, os brasileiros e as mulheres brasileiras estão vinculadas aos dispositivos mediáticos, nomeadamente às telenovelas brasileiras, emitidas em Portugal desde há trinta anos. E, finalmente, como estas percepções, das brasileiras e dos portugueses, se articulam no momento em que interagem, confrontando imaginários identitários individuais díspares e imaginários nacionais fundados numa língua e numa cultura de raiz comum.

## 2 Pesquisa de campo

Os resultados que se apresentam, tal como já foi referido, incidem apenas nos dados recolhidos nas dez entrevistas individuais, realizadas na região Centro, sobre as notícias “Mulheres brasileiras prostituídas”. As entrevistas individuais realizadas no primeiro semestre de 2005 – que integraram perguntas abertas sobre estas notícias exibidas já há alguns meses nos quatro canais generalistas – tiveram como objectivo levantar, sem recurso à visualização, as percepções das entrevistadas sobre os conteúdos. Pretendia-se, fundamentalmente, cruzar as percepções de conteúdos em que estão implicadas as entrevistadas, ou seus interesses potenciais, com as percepções memorizadas e, posteriormente, verbalizadas. Mas, ao mesmo tempo, pretendeu-se entender como as trajectórias de vida e imigração condicionam a percepção de determinados conteúdos.

Nesta incisão nos quotidianos (Alasuutari 1999; Orozco 2001), realizada por este tipo de pesquisa qualitativa, a preocupação não é nem a representatividade da amostra, nem a ilustração de tendências da população observada, mas sim a compreensão de determinados enunciados realizados, e, neste caso preciso, as relações que se têm estabelecido entre trajectórias de vida, imigração, imaginação e imaginários, construídos com base em dispositivos mediáticos.

### 2.1. Trajectórias de vida e de imigração

Apresentam-se, em seguida, dois quadros em que se caracterizam as mulheres e se sistematizam indicadores referentes às suas trajectórias de vida e imigração.

No Quadro 1, onde estão presentes os elementos constitutivos do perfil das seleccionadas, observa-se que as mulheres são originárias de diversos estados brasileiros, sendo que sete declaram

ter morado, anteriormente, em grandes cidades como São Paulo, Campinas, Belém e Rio de Janeiro.

Quadro 1. Trajectória de vida/Caracterização pessoal

Nº	Idade	Escolaridade	Estado civil	Número de filhos	Lugar de residência	Lugar de origem
1/B	36 anos	Instrução secundária	casada com português	1 filho português	Aveiro	Campinas/SP
2/B	30 anos	Superior	casada com brasileiro	1 filha brasileira	Cantanhede	São Paulo
3/B	49 anos	Instrução secundária	divorciada de português	3 filhos port. adultos	Cantanhede	RJ/Piracicaba/SP
4/B	23 anos	Superior	solteira		Coimbra	Campinas/SP
5/B	26 anos	Instrução secundária	casada com português	2 filhos portugueses	Viseu	Rio de Janeiro
6/B	29 anos	Superior	união de facto português	grávida	Coimbra	Belém/Pará
7/B	29 anos	Instrução técnica	casada com português	2 enteados brasileiros	Viseu	Bahia/São Paulo
8/B	25 anos	Superior (freq.)	marido dupla nacionalidade	1 filho português	Viseu	Rio de Janeiro
9/B	26 anos	Instrução técnica	casada com brasileiro	1 filha portuguesa	Coimbra	Paraná
10/B	47 anos	Instrução Secundária	casada com brasileiro	1 filho falecido	Viseu	São Paulo/Rio de Janeiro

Destas dez mulheres, oito são casadas, sendo que metade delas com homens portugueses; uma é divorciada e a outra é solteira. Por outro lado, constata-se que quatro têm ensino superior, ou está frequentando, enquanto outras quatro declaram ter ensino secundário completo, e duas, ensino técnico. No entanto, observa-se que seis seguiram a trajectória dos maridos – portugueses, com dupla nacionalidade, ou brasileiros – duas vieram com os pais ainda adolescentes (1/B; 5/B) e duas sozinhas, mas tinham familiares (4/B) ou amigos a viver em Portugal (6/B).

O Quadro 2 sistematiza os indicadores das trajectórias da imigração, registrando-se o ano de chegada, os motivos que levaram à imigração, a ocupação anterior e a actual, bem como os horários de trabalho.

Este quadro vem confirmar o que anteriores estudos referiram sobre os motivos que levaram à imigração, nomeadamente os motivos vinculados a projectos de família, ou de autonomia feminina (Perista 1998), mas, também, os que se prendem com melhorar a vida, ou sair de uma situação de instabilidade provocada pelo desemprego ou a violência (Machado 2004; Padilha 2004).

Quadro 2. Trajectória de vida/Trajectória das migrações

Nº	Ano de chegada	Razões imigração	Situação jurídica	Ocupação actual	Ocupação Brasil	Horas/trabalho	Regresso Brasil
1/B	mar/87	violência/melhorar	dupla nacionalidade	operadora caixa	estudante	8h	não sabe
2/B	abr/02	melhorar/ violência	visto trabalho	atendente balcão	estudante	10h +	não sabe
3/B	jun/87	violência/melhorar	dupla nacionalidade	empregada balcão	secretária clínica	10h +	não
4/B	fev/04	curiosidade/família	dupla nacionalidade	estudante/atendente	estudante	variável	5 anos ou +
5/B	jun/92	violência/negócios	dupla nacionalidade	loja família/atendente	estudante	8h +	não
6/B	mai/02	estudar/curiosidade	residência	operadora caixa	estudante/trabalho	8h	5 anos ou +
7/B	abr/03	violência/melhorar	residência	atendente balcão	esteticista	8h	1 ano ou +
8/B	jun/01	noivado/casamento	residência	atendente balcão	estudante	8h +	5 anos ou +
9/B	abr/00	melhorar/ violência	residência	ajudante cozinha	atendente loja mãe	11h +	5 anos ou +
10/B	jun/93	violência	residência	doméstica	doméstica	variável	5 anos ou +

Os dados levantados nas entrevistas em profundidade, e sistematizados no Quadro 2, apontam para horários de trabalho com médias superiores a oito horas diárias. Estes horários, extremamente longos, são acumulados com os trabalhos domésticos e os cuidados prestados à família e aos filhos. Uma realidade que, não sendo particular às imigrantes brasileiras – pois é comum entre as portuguesas que exercem as mesmas ocupa-

ções profissionais –, acaba por ser assinalada como exigente e ao mesmo tempo impeditiva de outras actividades, nomeadamente lazer, convívio, usos e consumos dos Media.

Financeiramente é melhor que no Brasil [...] mas em termos de qualidade de vida, para mim própria, digamos, de poder usufruir os tempos livres, não tenho. Trabalho horas de mais! (3/B).

Eu entro às 8h da manhã numa loja de sopa e refeições, eu faço umas tartes salgadas e, depois, mais à tarde, faço salgados, atendo no balcão, faço limpeza – e assim umas ajudando as outras – e eu saio daqui às 16h30, para uma escola, onde eu faço limpeza, durante três horas – eu geralmente começo às 17h, cinco e pouco, e termino mais ou menos em torno de 20h da noite, e aí eu vou-me embora, cuidar da minha filha, da minha casita, coisas assim (9/B).

É também em ambiente de trabalho que se configuram, ou reconfiguram, determinados estereótipos ou características identitárias que podem ser utilizadas como mais-valia em determinadas profissões (Machado 2004). No caso destas mulheres, características atribuídas ao povo brasileiro, como facilidade de comunicar, alegria e simpatia acabam por adquirir aspectos de *especialidade étnica*, abrindo portas a determinadas áreas de trabalho.

As minhas colegas gostam muito de trabalhar perto de mim, porque eu estou sempre na brincadeira... Eu percebo que os clientes também gostam muito de serem atendidos por mim... às vezes penso que eu estou trabalhando mais [...] (1/B).

[...] Tem gente e gente, por exemplo, tem pessoas que gostam de contratar brasileiros por causa do ambiente de trabalho [...] os brasileiros são bem alto-astrol... são mais simpáticos, são mais calorosos, são tudo de bom e tem gente que já não gosta por causa disso tudo [...] (8/B).

É, ainda, nas interacções geradas pelas situações laborais que se dão, quotidianamente, os confrontos entre imaginários

e expectativas, desenvolvidos pelas imigrantes e a nova ordem social onde se estão a inserir. É neste confronto, nesta aferição de imaginários, entre os imigrantes brasileiros que chegam e a sociedade portuguesa que acolhe, que se passa a redefinir quer o espaço imaginário comum – fundado na língua e em mitos de “Portugal, a Pátria mãe do Brasil” (2/B; 6/B) –, quer a imaginação activa que levou à imigração:

[...] O mundo é de todo mundo e tá aí para ser explorado e, como eu já disse, isso é uma consequência histórica; se eles [portugueses] não quisessem que viessemos para cá, não tivessem ido lá [Brasil] colonizar, pronto (4/B).

## 2.2. Conteúdos dos Media no confronto de imaginários

Os resultados que serão expostos a partir deste momento estão fundamentados no guião das entrevistas em profundidade e exploram o tema “Mulheres brasileiras prostituídas”.<sup>6</sup> Para cada notícia foi construído o Quadro 3, que sistematiza, por intermédio de categorias de identificação e de percepção, os resultados obtidos nas entrevistas. Na identificação das notícias teve-se em conta a capacidade de as entrevistadas lembrarem o canal (ou canais) onde as visualizaram, bem como o local, os conteúdos e os actores dos acontecimentos reportados. Na percepção das notícias foram levantadas as interferências no quotidiano, as apropriações e valorações verbalizadas pelas entrevistadas.

Antes da apresentação dos dados sistematizados, convém referir que a interferência de determinados conteúdos veiculados pelos Media na reconfiguração de imaginários se dá, fundamentalmente, no espaço do trabalho e das sociabilidades. A aferição destes imaginários – das brasileiras que chegam e dos portugueses autóctones – parece compreender três dimensões sobrepostas e, por vezes, conflituantes. Uma dimensão imaginária abstracta, de início partilhada por portugueses e brasileiros, arreigada aos

<sup>6</sup> Apesar das constantes e inúmeras referências às telenovelas brasileiras, não se desenvolvem neste artigo as percepções recolhidas das telenovelas brasileiras em exibição no momento da aplicação do guião, *Chocolate com pimenta* e *Senhora do destino*, no canal SIC, em 2004/2005.

mitos nacionais fundadores, à língua e às tradições, mas interpretada nos contextos nacionais de forma distinta.

O Brasil aqui é bem mais lembrado do que Portugal no Brasil [...] porque às vezes a imagem do Brasil aqui fora não é tão boa [...] E então, eu me sinto mesmo feliz quando eu vejo lembrarem aqui do Brasil, como em Lisboa há cafés com o nome de Café Brasil ou Brasília, se não me engano, no Chiado [...] eu fico contente (2/B).

E uma dimensão individual, própria a cada indivíduo, seja português ou brasileiro, construída com base em suas trajetórias de vida. A estes imaginários justapõem-se, ainda, os resultados das interações com os diversos dispositivos mediáticos: dos portugueses com os conteúdos dos Media, em Portugal; das brasileiras, com os conteúdos dos Media, primeiro no seu país de origem e, em seguida, em Portugal, após a sua chegada. Os imaginários cruzados, alimentados pelos dispositivos mediáticos, nomeadamente pelas telenovelas brasileiras em Portugal, são com frequência referenciados, não só quando as brasileiras mencionam o que em Portugal recorda o Brasil, como o que os portugueses imaginam ser o Brasil. As brasileiras referem que a língua – apesar de por vezes não a entenderem ou a imitarem na pronúncia –, a música e as telenovelas brasileiras são os elementos que mais as aproximam do Brasil: “[...] a língua, as novelas, as músicas brasileiras, às vezes não damos conta que estamos em outro lugar [...] (4/B)”.

Enquanto os portugueses, referidos pelas entrevistadas, associam com muita frequência as brasileiras a personagens das telenovelas, e o Brasil a situações visualizadas nas telenovelas.

[...] É interessante, nos comparam a certas pessoas do Brasil – a quem a gente nunca imaginou que pudesse ser comparada! (2/B).

[...] há muitos portugueses que vão para o Brasil passear e depois dizem: “Ah! Afinal não é assim tão bonito!” Daí eu falo: “Claro,

há o bonito e o feio.” E respondem: “Ah! Não é como as telenovelas.” (1/B).

[...] Elas [as colegas de trabalho] têm muita curiosidade para ver como é que é. Muitas pensam que aquilo é só violência, ou, ao contrário, acham que é como nas telenovelas: tudo muito lindo (9/B).

As formas de sociabilidade e os estilos de vida são, igualmente, espaços de interação e confronto entre imaginários, na medida que estas mulheres transportam memórias e práticas culturais, bem como stocks de imagens e significados que são colocados em discussão na sociedade de chegada. Tais aspectos envolvem a interação entre indivíduos e grupos, mas também as imagens veiculadas pelos Media e percebidas em função dos contextos individuais, e de grupo, nas quais as imigrantes estão inseridas. Assim, determinados comportamentos – como falar e ouvir música alto, fazer festas, beber em grupo –, gestuais e cuidados individuais, como vestuário, acabam por ser auto-vigiados pelas mulheres brasileiras. O objectivo, confessado, é evitar imaginários sedimentados em estereótipos – o que os homens e as mulheres portuguesas pensam sobre as mulheres brasileiras – e a profusão de imagens e informações veiculadas nos meios de comunicação que tendem a confirmá-los.

Há pessoas que pensam que só porque a gente é brasileira – principalmente na aldeia onde a gente morava! –, que não prestamos para nada, só mesmo para coisa relacionada à prostituição (1/B).

A mulher brasileira tem má fama! O que eu, por acaso, não sabia, mas que acabei por perceber. É por causa dessa coisa da mulher andar com menos roupa, o que acaba por chamar a atenção, e então [...] (2/B).

No Brasil se convive de uma forma mais descontraída, há menos preconceito, e aqui temos que ter uma postura totalmente diferente. E eu adotei esta postura, mudei na íntegra (3/B).

Quadro 3. Caracterização das visualizações. Tema: “Mulheres brasileiras prostituídas”

Tema		Mulheres brasileiras prostituídas				
Identificação das notícias			Percepção das notícias			
Nº	Canal/ano	Local	Conteúdo/actores	Interferências cotidiano	Apropriações	Valorações
1/B	SIC/03	Braga/Bragança	Mulheres/prostituição/GNR	Discriminação	Alterou comportamento	Realidade exagerada
2/B	SIC/TVI/RTP1	Portugal/Espanha	Mulheres enganadas	Má fama brasileiras	Alterou comportamento	Realidade exagerada
3/B	SIC	Norte	Mulheres/prostituição	Não refere	Mulheres enganadas	Parecido real
4/B	Não refere	Viseu	Mulheres/prostituição	Discriminação	Alterou comportamento	Parecido real
5/B	SIC	Portugal	Mulheres s/ vergonha	Má fama brasileiras	Comparou c/ casos	Brasileiras facilitam
6/B	Vários	Portugal/Espanha	Mulheres/prostituição	Discriminação	Comparou c/ casos	Realidade/triste
7/B	Vários/02	Bragança	Mulheres/prostituição	Discriminação	Alterou comportamento	TV discrimina
8/B	SIC/TVI	Braga	Mulheres PT x Mulheres BR	Discriminação	Alterou comportamento	Realidade exagerada
9/B	SIC/00	Portugal	Mulheres/prostituição	Discriminação	Alterou comportamento	TV discrimina
10/B	SIC	União Européia	Alterne	Discriminação	Tratada como prostituta aeroporto Lx	Brasileiras facilitam

São constantes, independentemente dos estímulos provocados pelas perguntas do guião, as referências das entrevistadas às imagens que as redes de televisão e os jornais veiculam sobre a prostituição de brasileiras em Portugal. Esta temática e o confronto de imaginários que envolve – com raízes culturais sobre as relações de género (Gaspard 1998; Perista 1998) e coloniais (Machado 2004) – interferem nos quotidianos de todas as mulheres.

O tratamento desta temática tem de ter em conta que há um contingente substancial de mulheres brasileiras exploradas pelo

tráfico sexual, sendo Portugal identificado, segundo o Relatório da ONU sobre o Tráfico de Crianças, Prostituição e Pornografia, como destino final de oito rotas brasileiras de prostituição. Não sendo possível estimar o número certo de mulheres envolvidas, crê-se que ele possa rondar 4 mil, alternando períodos de estadia entre Portugal e Espanha, nomeadamente em casas de prostituição, chamadas casas de alterne, nas regiões fronteiriças, sempre ao abrigo de grandes interesses instalados, como os clubes de futebol e as empresas de construção civil.<sup>7</sup>

Neste contexto, não é por acaso que todas as entrevistadas identificam casos que se passaram no país, nomes de cidades e regiões referidas, bem como situações presenciadas ou conhecidas relativas a estes temas. As redes de televisão, por serem fonte de informação de referência, são o meio mais mencionado, apesar de nem todas as entrevistadas, sobretudo as que estão há menos tempo em Portugal, conseguirem nomear o canal em que visualizaram as peças.

Tem um canal aí, que eu não sei bem dizer qual é, que costuma falar não apenas das mulheres brasileiras em Portugal, mas também das mulheres que estão em Espanha [...] pronto, certas reportagens que tratam disso despertam meu interesse (2/B).

[...] Também na SIC ou na TVI, não sei, tem algumas histórias, não sei qual é o programa, de manhã, normalmente, quando estou no trabalho, que fico ouvindo, que fala sobre as mulheres [...] (8/B).

Consideram, ainda, que as redes de televisão deram demasiado peso a estes temas e tiveram um papel discriminatório, apesar de apoiarem, não poucas vezes e de forma “moralista”, determinadas posições assumidas publicamente pelas mulheres portuguesas.

[...] se não me engano, para aí há meio ano, deu uma reportagem sobre prostituição mesmo na SIC, sobre as brasileiras de Bragança, onde as senhoras portuguesas fizeram um abaixo-as-

<sup>7</sup> Testemunhos da Associação Galega Alecrim à Rádio Televisão Portuguesa emitidos no telejornal das 20 horas, de 18/11/2003.

sinado para elas caírem fora da cidade, não foi?! Do que eu me lembro, mais ou menos, foi disso (6/B).

Olha, ultimamente não estou vendo nada que fale exclusivamente sobre brasileiros, embora há dois anos, quando eu cheguei aqui em Portugal, os noticiários falavam muito sobre as mulheres de Bragança (7/B).

A interferência destes acontecimentos e das imagens veiculadas pelos Media sobre este tema nos quotidianos é recorrente. Algumas referem frases semelhantes a “na época eu chorava muito, sofri bastante com isso, porque nem todas as brasileiras são prostitutas, mas as pessoas aqui generalizam muito [...] (7/B)”, confirmando a opinião de que, independentemente de existirem mulheres de outras nacionalidades, e mesmo portuguesas, na prostituição, as brasileiras são as mais visadas. Esta visibilidade é justificada por uma das entrevistadas por um auto-estereótipo da mulher brasileira.

[...] a partir do momento que têm brasileiras nisso, têm também portuguesas, africanas, mulheres de todos os países. Só que a mulher brasileira tem aquela coisa: são mais bonitas, mais provocantes, mais comunicativas, sabem falar melhor. Então é isso o que destaca a mulher brasileira, não é por ela ser mais depravada do que a outra (9/B).

Diante das imagens visualizadas, as percepções das entrevistadas organizam sentimentos de natureza diversa, ora distanciando-se das imagens veiculadas, ora aceitando-as como verdadeiras ou, ainda, negociando e reinterpretando os seus sentidos na perspectiva da discriminação – dos portugueses sobre os brasileiros e as brasileiras – e dos estereótipos – dos portugueses sobre os brasileiros e dos brasileiros sobre si mesmos.

A sistematização das percepções verbalizadas aponta três sentidos. Primeiramente, as brasileiras prostituídas suscitam às entrevistadas tristeza e desconforto: elas representam uma realidade da imigração feminina que não pode ofuscar outras realidades da mulher brasileira imigrada.

O ponto-chave [dos noticiários] ainda acaba sendo a prostituição, é o que marca mais na parte negativa. Não é? Mas existem, de facto, muitos brasileiros que venceram aqui. Tem muitos empresários brasileiros que já venceram aqui, inclusive chefes de lojas [...] (6/B).

[...] essas brasileiras que vêm para cá, estão estragando a imagem das outras, que são honestas, que ralam, trabalham. O povo brasileiro é muito mal falado na Europa, nos Estados Unidos, porque é um povo escandaloso, fala alto, é só samba e mulher [...] (10/B).

Uma segunda idéia, decorrente da percepção das notícias incessantemente veiculadas sobre brasileiras prostituídas, é que tais notícias interferem nos quotidianos de todas as mulheres imigradas, reforçando estereótipos dos homens e das mulheres portuguesas sobre a mulher brasileira. As interferências – das notícias veiculadas sobre prostituição e comportamentos dos portugueses – são sinalizadas em práticas públicas discriminatórias, tais como alusões de esposas portuguesas aos seus maridos e dificuldades de arrendar um imóvel.

[...] sendo operadora de caixa eu estou sempre à frente de tudo. E tem muita gente que vem ter comigo, para fazer trocas, e sempre que ouvem a minha voz, mesmo no micro [microfone], já chego de algumas mulheres darem um beliscão no marido. Por ser uma brasileira que está ali, estás a ver? Inclusive, muitos comentam na fila sobre o caso das brasileiras, e isso interfere, de alguma forma, comigo (6/B).

Por outro lado, as entrevistadas referem que estes factos as obrigaram a “não abrir a boca” (7/B), para não se denunciarem pela pronúncia, bem como a evitar a “simpatia” (8/B). Porém, estão de acordo que, nos últimos tempos (as entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2005), a situação tenha melhorado, o que pode ser atribuído a factores inerentes ao processo de inserção social das imigrantes, mas, também, a um tratamento mais cuidadoso dessas temáticas nos Media.

[...] De quando eu cheguei para agora, eu acho que acalmou um pouco, né?! Melhorou, não tem mais essas abordagens na televisão, nem nada (8/B).

Quando eu cheguei aqui, há cinco anos atrás, todas as mulheres brasileiras eram tratadas como “prostitutas” e os maridos como “chulos” – sempre era isso. Agora já não há tanta discriminação em relação a isso. As pessoas vêem a brasileira como uma cidadã normal, que trabalha e coisa assim (9/B).

A terceira ideia é que as imagens e as notícias veiculadas estão em consonância com experiências vividas ou narradas por conhecidas das entrevistadas. Isto é, com base nas imagens veiculadas da prostituição, as entrevistadas narram e reinterpretam situações concretas que presenciaram ou ouviram relatar a conhecidos.

Eu acho que o que passam na televisão é real, acredito que muitas delas estão ali mesmo só para prostituição. Agora, não sei se elas [notícias] são exageradas. Mas são negativas, não é? [...] (1/B).

Por acaso conheci uma ou duas histórias de pessoas que vieram para aqui, mas que estavam ligadas à prostituição, e então... pronto... contaram que vieram do Brasil para Portugal com a promessa de que iriam trabalhar, no entanto, chegando aqui, foram enganadas, e ficaram presas, depois fugiram! [...] (2/B).

Nestas interpretações das notícias sobre a mulher prostituída, encontram-se as imagens-tipo incessantemente veiculadas pelos meios de comunicação (Ferin e Santos 2006): a da vítima, que chega a Portugal com promessa de trabalho e descobre ter entrado numa rede de tráfico e exploração de mulheres, e a da profissional, que faz da actividade prostituição, livremente exercida, o seu meio de vida (Peixoto 2005).

## Conclusão

Desta exposição, podem-se avançar algumas conclusões que permitem compreender não só os percursos da imigração, como

os complexos processos que envolvem a recepção dos conteúdos dos Media no contexto da imigração.

Primeiramente, a investigação, que foi realizada dentro de uma perspectiva de incisão no quotidiano (Alasuutari 1999), confirma investigações extensivas que apontam para uma relação entre os ciclos de vida e a decisão de imigrar. Os indicadores levantados confirmam, ainda, experiências urbanas em cidades brasileiras anteriores à imigração, bem como ocupações profissionais inferiores às suas habilitações (Machado 2004; Padilha 2004; Gonçalves e Figueiredo 2005).

Uma segunda conclusão, alicerçada nos indicadores levantados, reforça o papel da imaginação activa nos percursos da imigração, não só quando se dá no local de partida, ou *desancoramento*, como nos processos de chegada e integração, no local de chegada. Nos dois momentos, e independentemente dos percursos particulares, estão presentes dois tipos de imaginários: os que se radicam na matriz cultural e colonial – relações histórico-culturais Portugal/Brasil, reorganizadas de forma autónoma pelos Estados-Nação – e aqueles que se vinculam a trajectórias individuais, em que se devem ressaltar os vínculos familiares existentes e os anos de permanência em Portugal.

Uma terceira conclusão prende-se com a percepção que as entrevistadas têm da sua visibilidade social, que decorre de factores distintos: estereótipos e imaginários portugueses sobre a mulher brasileira; comportamentos e características identitárias da mulher brasileira; actividades exercidas no comércio e nos serviços; o fenómeno da mulher prostituída brasileira; a focagem exercida pelos Media, nomeadamente pela televisão, na prostituição.

Estas percepções, que representam a definição que as entrevistadas vão fazendo dos sentidos das interacções quotidianas (Orozco 2002) na sociedade de acolhimento, permitem reequacionar os imaginários e adequá-los no sentido da integração ou da auto-exclusão. Assim sendo, é no confronto com os portugueses que as brasileiras reparametrizam e ressemantizam os seus

imaginários, dando-lhes novos sentidos para a ação, como demonstram os balanços entre o que se deixou para trás no Brasil – o *seu* país, a família, os amigos, a felicidade, a alegria – e o que se conseguiu, ou se imagina que se irá conseguir, no percurso da imigração: tranquilidade, melhores salários, futuro para os filhos, ajudar a família, melhorar na vida. Este processo longo de reorganização de imaginários faz-se, também, por meio da nostalgia, compreendida como um sentimento de perda, saudade do que se perdeu e não voltará, mas, ainda, como nostalgia de um presente imaginado que não foi vivido (Appadurai 2004), embora seja vivenciado pelos conteúdos dos Media, sobretudo por intermédio da música e das telenovelas.

Os indicadores disponíveis parecem indicar que a televisão interfere de forma inequívoca neste processo de reparametrização e ressemantização, sobretudo pelas telenovelas e pela visibilidade conferida ao tema “Mulheres brasileiras prostituídas”. As referências constantes dos portugueses às telenovelas, no trabalho e na sociabilidade – quando falam do Brasil ou se relacionam com brasileiras –, parecem confirmar não só o protagonismo das indústrias culturais brasileiras, há mais de trinta anos em Portugal, mas também o seu papel activo na actualização dos imaginários de raiz colonial.

Apesar de este artigo não analisar as percepções das brasileiras e dos portugueses(as) sobre as telenovelas brasileiras em Portugal, não é possível ignorar as inúmeras referências das entrevistadas a este produto, sempre atribuídas aos portugueses. Os indicadores recolhidos apontam para o papel activo das telenovelas na actualização dos imaginários coloniais dos portugueses, aparentemente funcionando em dois sentidos complementares. Por um lado reavivando, aos portugueses(as), o mito da mulher dos trópicos, disponível e sensual, e acentuando a nostalgia de um passado português grandioso. Por outro, as televidências (Orozco 2001) actualizariam, por meio de um processo complexo – mediático e comunicacional envolvendo a construção imaginária de

paisagens, pessoas, cores, valores, enredos, gostos e sabores –, o imaginário colonial maravilhoso da *Terra Brasilis*. Tal processo de ressemantização do imaginário português parece constituir o grande referente de integração, embora também de discriminação, identificado pelas mulheres brasileiras entrevistadas.

Os mesmos indicadores apontam, ainda, para apropriações cognitivas e afectivas dos conteúdos veiculados em função dos percursos individuais e das trajectórias de vida das entrevistadas. Portanto, o tema “Mulheres brasileiras prostituídas”, visualizado em dezenas de peças jornalísticas dos canais de sinal aberto, ao longo dos anos 2003 e 2004, está presente na memória e é alvo de apropriações e valorações por todas as entrevistadas. Apesar de estas não terem, no momento da entrevista, visualizado nenhuma peça sobre esta temática, elas conseguem identificá-la, com bastante precisão, nomeando os canais e situando as notícias no tempo e no espaço. Elas têm presentes, ainda, os conteúdos, os cenários e os actores, e verbalizam, com facilidade, as implicações discriminatórias que atribuem, no quotidiano, a essas imagens.

Por outro lado, assumem que tais temáticas interferiram directamente em suas vidas, levando-as à alteração de comportamentos que pudessem ser conotados, pelos(as) portugueses(as), como estereótipos pejorativos das mulheres brasileiras. A utilização destas estratégias, mais que a integração, visaram, num primeiro momento, esbater ou minimizar reacções discriminatórias no trabalho e na sociedade. Num segundo momento, as mesmas estratégias, associadas às trajectórias de vida e de imigração, permitiram a reorganização e a reparametrização dos imaginários das entrevistadas.

Este último fenómeno, perceptível em alguns indicadores, parece ter dado origem a um processo de incorporação dos imaginários portugueses, levando as entrevistadas a censurar, nas recém-chegadas compatriotas, as mesmas atitudes e comportamentos que foram obrigadas a alterar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALASUUTARI, P. *Rethinking the media audience*. London: Sage, 1999.
- APPADURAI, A. *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema, 2004.
- BAGANHA, M. I. & GÓIS, P. “Migrações internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos?”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52/53, 1999.
- CANCLINI, N. G. *La globalización imaginada*. Buenos Aires: Paidós, 2001.
- CASA DO BRASIL. *A 2ª vaga de imigração brasileira para Portugal (1998 – 2003): estudo de opinião a imigrantes residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal*. Disponível em: <[http://www.casadobrasilde Lisboa.rcts.pt/arc-artigos/pesquisa\\_brasileiros.doc](http://www.casadobrasilde Lisboa.rcts.pt/arc-artigos/pesquisa_brasileiros.doc)>. Acesso em: 2004.
- CORNER, J. “Meaning, genre and context: the problematics of public knowledge in the new audience studies”, in CURRAN, J. & GUREVITCH, M. (eds.). *Mass media and society*. London: E. Arnold, 1991.
- FERIN, I. & SANTOS, C. *Media, imigração e minorias étnicas*. Observatório da Imigração, Lisboa: ACIME, 2004.
- FERIN, I. & SANTOS, C. *Media, imigração e minorias étnicas II*. Observatório da Imigração, Lisboa: ACIME, 2006.
- GASPARD, F. “Invisíveis, diabolizadas, instrumentalizadas: figuras de mulheres migrantes e das suas filhas na Europa”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 50, 1998.
- GONÇALVES, M. & FIGUEIREDO, A. “Mulheres imigrantes em Portugal e mercado de trabalho”, in *Imigração e etnicidade: vivências e trajetórias de mulheres em Portugal*. Lisboa: SOS Racismo, 2005.
- HALL, S. *Encoding and decoding in the television discourse*. Birmingham, Center for Contemporary Cultural Studies, Occasional Paper, nº 7, 1974.
- LAGES, M. & POPICARPO, V. *Atitudes e valores perante a imigração*. Observatório da Imigração, Lisboa: ACIME, 2003.
- LIVINGSTONE, S. *Making sense of television*. London: Routledge, 1990.
- LOPES, M. I. V. de; BORELLI, S. & Resende, V. *Vivendo com a telenovela*. São Paulo: Summus, 2002.
- LULL, J. *Inside family viewing: ethnographic research on television's audiences*. London: Routledge, 1990.
- MACHADO, I. J. R. “Imigrantes brasileiros no Porto”, in *Revista Lusotopie 2004*, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- \_\_\_\_\_. & REY, G. *Os exercícios do ver*. São Paulo: Senac, 2001.
- MORLEY, D. *The national audience*. London, British Film Institute, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Television, audiences and cultural studies*. London: Routledge, 1992.
- MOROKVASIC, M. “In and out of the labour market: gender and immigration in the European Union”, in *New Community* 19: 3, 1993.
- OROZCO, G. *Televisión, audiencias y educación*. Buenos Aires: Norma, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Recepción y mediaciones*. Buenos Aires: Norma, 2002.
- PADILHA, B. *Integration of brazilian immigrants in portuguese society: problems and possibilities*. 9th International Metropolis Conference Co-operative Migration Management. Disponível em: <<http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/wp/wp200501.pdf>>. Acesso em: 2004.
- \_\_\_\_\_. “Redes sociais e integração de facto dos Brasileiros em Portugal”. Comunicação apresentada ao I Congresso Internacional sobre a Imigração em Portugal e na União Europeia, Vila Real de Santo António, dez./2005.
- PEIXOTO, J. et alii. *O tráfico de migrantes em Portugal: perspectivas sociológicas, jurídicas e políticas*. Observatório da Imigração, Lisboa: ACIME, 2005.
- PERISTA, H. “Mulheres em diáspora na União Europeia. Percursos migratórios e trajetórias profissionais e familiares”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 50, 1998.
- RADWAY, J. A. *Reading the romance: women, patriarchy, and popular literature*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1984.
- VERMEULEN, H. *Imigração, integração e a dimensão política da cultura*. Lisboa: Colibri, 2001.